

## Modernidade, regionalismo e intelectualidade: notas sobre o Paraná na virada do Século XIX

*Modernity, regionalisms and intellectuality: notes about Paraná state in nineteenth and twentieth century*

Alexandro Neundorf\*

**Resumo** O objetivo principal deste trabalho é apresentar alguns dados relativos à história do Paraná na virada do século XIX, enfatizando os projetos de modernização e de construção de uma identidade regional para o estado, o papel de políticos e intelectuais nestes projetos e os lugares específicos de onde o discurso desses personagens ganha legitimidade e autoridade.

**Palavras chave:** intelectualidade. Modernidade. Regionalismo. História regional.

### Abstract

The objective of this paper is to present some data concerning the history of Paraná at the turn of the nineteenth century, emphasizing modernization and construction of a regional identity projects, the role of politicians and intellectuals in these projects and the specific places where the speech of these individuals gain legitimacy and authority.

**Keywords:** intellectuality. Modernity. Regionalism. regional history.

### Introdução.

A modernização, compreendida como um conjunto de mudanças ocorridas nas diversas esferas do político, do econômico, do social, foi o fenômeno mais marcante dos séculos XIX e XX. A partir da Europa, um conjunto de ideias e transformações, advindas da recepção e implementação destas ideias, passaram a ser adaptadas aos mais diversos contextos. Devido a isso, em sua fase inicial, o movimento de modernização fora também chamado de europeização ou ocidentalização.

Na esfera política, embora interligada com o domínio do econômico e do social, as mudanças ocorreram tanto na população de uma comunidade política, com um aumento da igualdade e crescimento na extensão do status de “cidadão”, como no âmbito do próprio sistema político, com uma maior eficácia das autoridades em reger a coisa pública, assim como em um aumento da diferenciação funcional no interior do subsistema governamental. No âmbito econômico, a modernização é medida em termos de eficiência e racionalidade que caracterizam sua organização, sendo os

\*Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Contato: alexneundorf@yahoo.com.br. Artigo recebido em 19-11-2014 e aceito em 22-01-2015.

índices seus principais marcadores. Genericamente, a modernização econômica está diametralmente relacionada com a industrialização e com o sistema político que permite seu desenvolvimento. Diretamente imbricada às anteriores, no âmbito sociocultural, a modernização compreende não só uma evolução do modo de vida urbano, com um crescimento significativo das cidades, como também em um desenvolvimento da alfabetização e, por conseguinte, de uma maior vazão da informação via meios de comunicação. (cf. PASQUINO, 1998, p. 768-776)

Nesse sentido, um dos produtos desse amplo movimento de modernização das diversas esferas do humano são as formas dicotômicas que emparelham, de um lado, cidade/moderno/refinado/científico e, do outro, campo/sertão/atrasado/bucólico. Dessa forma, também corroborando – como objetivação dessas fronteiras simbólicas/mentais – fronteiras entre populações, bastante tangíveis e materiais pela verificação dos seus efeitos.

Ao longo do movimento de modernização, inúmeras crises sistêmicas, advindas dos mais diversos fatores, surgiram: crise na imposição de um estado centralizador, em sua penetração em ambientes com predomínio do mando local, assim como na sua integração ao centro do poder governamental; as crises de identificação dos cidadãos para com tudo aquilo que emana do estado à que fazem parte, e, como consequência, a crise de legitimação dos estados e governos. No que tange a essa última, de caráter essencialmente cultural, as demandas a tal desafio perfazem respostas, naturalmente, culturais: políticas em defesa das minorias, ou então, de imposição *in extenso* de generalizações, produção maciça de símbolos, comemorações, heróis, etc. É em resposta a essas crises que o sistema político, econômico e social operou sua modernização.

No Brasil, um primeiro impulso modernizador ocorre com a chegada da família real e as implementações decorrentes desse episódio (embora já com Pombal se delineassem (cf. CERQUEIRA, 2001, p.125-136)). Um projeto de modernidade seria proposto no Brasil como a necessidade da construção e consolidação da nação, portanto, do fabrico de uma identidade para o Brasil e seu povo, da construção da nacionalidade via reorganização e ressignificação do universo simbólico. É nesse sentido que as comemorações, as efemérides e as diversas datas que remetem a acontecimentos tornados “notáveis”, acabam por não só simplesmente rememorar,

mas atualizar o próprio sentimento de pertencimento. Portanto, atualizando também identidades (ou identificações), assim como gerando, de retorno, legitimidade e autoridade ao estado.

No entanto, é somente com o advento das ideias republicanas que a figura do “moderno” é introduzida no cenário brasileiro, na medida em que questionava não só o regime político, em dissonância com os outros Estados americanos (principalmente com o modelo norte-americano), como também o canhestro desenvolvimento da nação, sob seus auspícios até 1889, além do regime escravista.

### **Discurso cientificista e evolucionismo: facetas da modernidade brasileira.**

O pensamento matriz que perpassa não só a política imperial, que enfatizava a construção de estradas de ferro (como política modernizadora), mas o ideário republicano, era o cientificismo. A ciência seria o veículo da renovação e o ideário dela originado, assim como a sua implementação, seria o mecanismo do desenvolvimento: a ciência na arte, a ciência na política, a ciência em filosofia, a ciência em poesia (cf. FAORO, 1992, p.11), seriam o lema das academias militares, da Escola Politécnica, das Faculdades de Medicina e Direito. Esse cientificismo seria introduzido no Brasil, principalmente devido à recepção do positivismo de Augusto Comte, cujo núcleo era o da ciência como uma missão rumo ao progresso da civilização.

Tal pensamento desembocou em inúmeras perspectivas: se o positivismo pode ser considerado o cientificismo em filosofia, o evolucionismo (e seus desdobramentos nas teorias antropológicas da antropotecnia e nas teorias racialistas) o é não só na biologia, como também na teoria social, com o evolucionismo de Herbert Spencer. Seu evolucionismo social, ou também chamado “darwinismo social”, pregava a ideia de que, tal como no âmbito da biologia, as sociedades também evoluíam, porém, com um sentido preciso: do primitivo ao complexo, da barbárie à civilização.

No Brasil, inúmeras “modernizações” aconteceram tanto no âmbito da saúde, com as políticas sanitárias, com a vacina obrigatória, como nas reformas urbanísticas e nas políticas de industrialização, como no campo da política, com o advento da República e do regime federativo, como no domínio social, com o fim do regime escravista.

Se o positivismo comtiano introduzira no Brasil o ideário do progresso, também autorizou, em conjunto com outras matrizes (darwinismo social de Spencer), um pensamento evolucionista, que seria, então, a base de legitimação científica para as teorias de Silvio Romero, Capistrano de Abreu, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha (desde o declínio do romantismo até o modernismo). Uma abreviação grosseira do pensamento evolucionista faz-se ao dizer que “o simples evolui para o complexo”, o que dá ensejo para o pensamento de que “o primitivo evolui para a civilização”. É por meio de vários experimentos empíricos que os sociólogos e etnólogos procuravam estabelecer as “leis” que governavam o processo evolutivo dos povos (cf. ORTIZ, 2003, p.14); em outros termos, o “progresso” da civilização tomado em sua dupla acepção: enquanto movimento para frente, imparável como a roda do Juggernaut, e enquanto mudança de estado que o move para um patamar de desenvolvimento mais elevado. É dessa matriz que se origina o forte antagonismo entre civilizado e primitivo no Brasil, entre cidade e sertão, e todo um desenrolar que atinge não só o universo literário (no romantismo indianista de um lado, e em “Os Sertões” de Euclides da Cunha, de outro) como a própria política orientada a “civilizar” os locais mais distantes do progresso e do moderno: “civilizar” não só os espaços como os habitantes desses espaços.

Uma das características peculiares do evolucionismo no Brasil é, a partir da análise da diferença entre o brasileiro e o europeu, assim como do processo de formação e desenvolvimento da nação, o alcance que as ideias de meio e raça tiveram, em detrimento do limitado uso no contexto europeu (cf. ORTIZ, 2003, p.16). A especificidade do contexto brasileiro, que impõe um desafio na recepção e adaptação das teorias europeias, uma vez que há discrepância entre teoria e sociedade, sugere a verificação do “por que” do atraso nacional. Para isso, as teorias racialistas que aqui surgiram, pretendiam uma resposta.

Da antropologia craniométrica, cujos nomes precursores eram Jean Louis Armande de Quatrefages e Paul Broca, passando por uma proto-arqueologia e biologia desenvolvida no Museu Nacional, as respostas racialistas de matriz evolucionista, vieram para o Brasil e aqui foram adaptadas a fim de responder a uma dupla demanda: a da explicação do “atraso” e a da necessidade de construção de uma identidade nacional brasileira.

Seriam, no entanto, as teorias de Arthur de Gobineau (ver: GAHYVA, 2007, p.152-159) que apresentariam a melhor recepção: seu “*Essai sur l’inégalité des races humaines*” (1853-55) seria a principal influência das teorias sobre a degeneração advinda da mestiçagem, tão caras a Nina Rodrigues.

Vale mencionar como exemplo: na discussão sobre a necessidade de modernização de algumas instituições, em específico, a segurança pública, reivindicava-se a necessária construção de uma:

[...] escola de policia methodicamente organizada [...] um producto e dos mais fecundos da sociologia criminal, que tanto se tem empenhado na luta contra o crime. Os processos da anthropologia criminal, há quasi trinta annos vêm mostrando a necessidade da introdução de certa etapa scientifica no exame e nos prejuizos dos factos sujeitos à justiça. <sup>1</sup>(VIEIRA, 1912, p. 01)

Interessante notar que a ressonância desse modo de compreensão persistiria ainda por algum tempo, quatro décadas no futuro, na análise que Aujor Ávila da Luz faz do conflito do Contestado e seus protagonistas:

[...] estigmas físicos de degeneração se patenteiam na fisionomia deste segundo ‘monge’: descontando as características raciais do tipo ‘caboclo’ – tal o era – os seus lábios são grossos, o nariz grande e achatado, os zigomas salientes, a fronte curta, as orelhas grandes; tipo desempenado, mas baixo e corpulento, a cabeça grande e em desproporção com os membros curtos. [...] o tipo perfeito do fraudador e mistificador, diz-se irmão do ‘monge’ João Maria ou ser ele mesmo, deixa crescer a barba para impressionar o povo simples e crédulo, impinge-se como profeta; reivindicador, quer restaurar a monarquia. Instintivo, os delitos sexuais estigmatizam a sua moralidade aberrante. Tudo está a caracterizar em José Maria a sua personalidade de degenerado moral. (ÁVILA DA LUZ, 1952, p. 95)

Outro aspecto que orientava os escritos literários e históricos, as artes em geral, era o da construção da nacionalidade. Desde a independência, uma preocupação primaz se daria com a consolidação do “ser brasileiro”. Mas para isso, a verificação do que seria esse “ser brasileiro”. Nessa empresa, grande papel teve o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que intentava construir uma história para o país, coligindo e arquivando documentos principalmente, dessa forma dotando-o de uma identidade nacional.

---

<sup>1</sup> Nesta e nas próximas citações optou-se por manter a grafia original.

O reverso do pensamento orientado ao progresso e a modernização vem com o ceticismo, o niilismo, o obscurantismo, o esoterismo, “[...] onde as dúvidas e críticas quanto à voracidade da Modernidade e suas promessas maravilhosas presentes na idéia racionalista e técnico-científica colocou Baudelaire e Nietzsche, entre outros, na contra-mão da euforia crescente” (MOLINA, 2004, p. 04-05). O movimento simbolista, em parte, cumpria esse papel avesso ao progresso e ao discurso cientificista, ao enfatizar o tema da morte, do obscuro e da penumbra, das vias enigmáticas e pouco compreensíveis, bem diferente das linhas que faziam ver somente o claro, a “brancura” do compreensível, do moderno e do mundo como um extenso campo de objetos de ciência.

Em cada amno que passa, se assistimos, com a alma cantante de satisfação novos e maravilhosos triumphos da intellectualidade humana, assistimos também a dança macabra, na grande orgia do sentimento, onde o homem ainda tenta escravizar o homem! Se de um lado vemos Edison, o extraordinário vidente do progresso, enchendo este fim de século com as suas estupendas invenções, de outro lado, lá na penumbra negra de um sonho, vemos a Hespanha, n’uma ferocidade de águia selvagem, tantalisando esse esplendido Prometheo, manietado tão sublimemente, no poste de ouro do amor sagrado da Patria, essa Cuba extraordinária, vencedora de amanha! Anno novo, não sei se te deva saudar, não sei se te deva abrir minha alma, para que vejas, bem fundo, os vínculos roxos, que teo irmão, esse anno velho, que desapareceu, envergonhado do tristissimo papel que representou no scenario do mundo, traçou com a ponta do punhal das maguas e das desilusões. (PERNETTA, 1897, p. 03)

### **O discurso do progresso e da modernização no Paraná.**

A partir do início do século XX, tem-se no Paraná, uma época de grandes transformações. Tal como nos grandes centros do Rio de Janeiro e São Paulo, a capital paranaense passava por várias mudanças em diferentes níveis da sociedade (ver: NEEDELL, 1993), assistindo a um movimento modernizador e urbanizador que a deixava muito diferente da pequena vila provinciana de antes. Esse impulso urbanizador e modernizador refletiam também uma mudança no campo das ideias e do quadro intelectual, que, então, passa a enfatizar o progresso, a ciência e a técnica (ver: PEREIRA, 1996; BENVENUTTI, 2004; CARNEIRO, 2001; CERQUEIRA, 2001; MOLINA, 2004; FAORO, 1992; MACIEL, 2001). Na medida em que essa modernização seguia seu curso, o Paraná também passava a desenvolver sua área cultural com a abertura de diversas escolas, de clubes e sociedades literárias, de museus e teatros. Também nesse

período, a imprensa encontra um grande desenvolvimento com a criação de inúmeros periódicos, jornais e revistas.

As nossas cidades, na maior parte, recebem o influxo do espírito novo. Paranaguá sobretudo e Castro, os dois marcos da zona povoada, tomam notável incremento. – A nossa capital é uma das mais bellas, das mais opulentas e grandiosas do Sul. Quem viu aquella Curityba, acanhada e somnolenta, de 1853, não reconhece a Curityba sumptuosa de hoje, com as suas grandes avenidas e boulevards, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edificios magníficos. A cidade é iluminada á luz electrica. É servida por linhas de bonds [...] Já se funde em Curityba tão perfeitamente como no Rio. Já se grava e já se fazem, em summa, todos os trabalhos de impressão tão bem como os melhores da Europa. O movimento da cidade é extraordinário, e a vida de Curityba é já a vida afanosa de um grande centro. (POMBO, 1900, p. 323-4)

Já no início do século, Curitiba seria vista dessa forma: como a “musa do progresso e da civilização no Paraná”. Esse elogio ao desenvolvimento e as novas imagens que o referenciam, tais como os boulevards, as linhas de “bonds”, posteriormente os cinematógrafos, seriam uma forma recorrente na caracterização dos discursos sobre a capital paranaense. “Coritiba progride” seria o epíteto de uma grande quantidade de artigos publicados nos periódicos:

Coritiba progride...

Eis a phrase da moda, presentemente.

Será ella verdadeira?

Por certo que sim...

Ainda, hoje, pela manha, bem cedo, ao avistar uma pipa d’agua, que era pachorramente puxada por um desconsolado burro, não muito alentado, me veio a recordação de que existiam, há tempos que remotos não são, centenaes d’ellas, n’esta cidade, sendo, entao uma cousa vulgar, mas agora constituindo raro especimen, cujo apparecimento, de vez em quando já nos traz uma certa admiração.

Qual a causa desse phenomeno que nos assalta?

O progresso, que estabeleceu a sua tenda na nossa formosa Capital.

[...] será um verdadeiro “circulez” parisiense.

Então veremos a nossa bella Capital imitar a linda Paulicéa e amais que linda Capital da União, em sua actividade febril, que ora já se começa a manifestar.

Quem vio Coritiba, de 5 annos atraz, com a sua pacatez de cidade roceira, cujo movimento terminava 8 ou 9 horas da noite, e hoje vê com as suas casas de diversões regorgitantes de povo até as 11 ou 12 horas da noite diariamente e o augmento extraordinário das suas construcções repetirá, com certeza, a phrase que epigrapha estas linhas:

“Coritiba progride”... (CESAR, 1912, p. 01)

Curytiba progride!

Curytiba está sendo poucoamente exalcerada da sua monotonia. Não só as competentes autoridades como as poderosas Companhias de Melhoramentos, estão encarando com seriedade a iniciativa de dotar a “lyrial rainha do sul” de novas formas, dando-lhes, assim, um aspecto encantador.

Tanto é, que nota-se diariamente um grande numero de operarios que distribuidos em turmas pelos diversos pontos da cidade, entregam-se com afan não só no alinhamento como também no calçamento das nossas principais ruas, que estão sendo fartamente illuminadas com poderosas lampadas electricas, dispostas com alinhamento no centro das mesmas. As avenidas, por sua vez, estão sendo alongadas e ajardinadas com arte e capricho. Não continuam no ostracismo os arrabaldes, estando em reparos os trechos intransitaveis e illuminados outros que até então achavam-se as escuras...

São diariamente demolidas as construções antigas que são substituidas por predios collossaes, com ricas e maravilhosas architecturas, notando-se, desde já, varias ruas e edificios dignos de admiração, pelo moderno e deslumbrante aspecto que representam. (TOMENCISNA, 1913, p. 01)

Com isso temos apenas alguns dos variados exemplos <sup>2</sup> de como se via a modernização da capital paranaense, assim como uma imagem do processo em andamento. Em resumo, é notável que nas mais variadas produções, *“dos historiadores, intelectuais, escritores da época, a intenção em construir e mostrar uma imagem de cidade idealizada, onde os projetos políticos visavam o desenvolvimento, o progresso, a modernização, enfim, a civilização de Curitiba”*. (CARNEIRO, 2001, p. 50)

Modernização que tinha como referência, a “capital do mundo latino”, a “cidade das luzes”: Paris. A capital francesa era, sem a menor vergonha, declarada como o exemplo a ser seguido não só pela ação governamental de modernização de Curitiba, como pelas letras.

[...] o livro com que, neste principio de anno, brinda ás letras pátrias, e offerece, á curiosidade dos leitores, paginas e paginas de uma suave, encantadora escripta da cidade e do povo da capital do mundo latino. [...] A feição primordial e fundamental da raça latina é a Arte, abrangida em toda a extensão moral, mental e physica; mas, na actualidade, sómente se a encontra exuberantemente desenvolvida no povo francez, aguardando os demais ramos do antigo tronco, universaes culturas intensivas [...] O magnífico trabalho psychologico de Nestor Victor nos proporciona vastamente idéas muito exactas e relevantes do povo parisiense, ao qual principalmente devemos todas as tradições de nossa historia, a elegância, a graça, a cultura de nossos costumes e a educação intellectual e moral do povo. (JUNIOR, 1912, p. 01)

---

<sup>2</sup> Outros poderiam se somar a este, por exemplo, o relatório trimestral da prefeitura de Curitiba, onde se apresenta as melhorias efetuadas na Praça Tiradentes, na Rua José Loureiro, na instalação de novas linhas para os bondes, na execução dos programas de higienização, etc. (MACEDO, 1912, p. 01).

É claro que, apesar do progresso tão visível nas narrativas da época, havia quem discordasse, ou então, que ao menos olhasse com visão crítica as mudanças, ou a falta delas.

Em regra, somos um povo infenso às reformas, e dahi uma dilação exagerada para se melhorarem muitas das nossas instituições que o progresso de há muito condenou por defeituosas e rotineiras. E embora, muito haja que reformar, pouco se tem feito nesse sentido, mau grado viva a sociedade presa a uma quantidade de hábitos contraditórios com apunção de nosso adiantamento. (ROSA, 1912, p. 01)

Em um exemplo desse ponto de vista, a crítica a ausência de “progresso” nas instituições, que as torna “defeituosas” e produz “hábitos contraditórios” na população. Um dos ramos do serviço público que, segundo o articulista, carecia de modernização e melhoramentos, era a segurança pública:

Sem exagero, poderíamos dizer que a polícia paranaense não corresponde ao desenvolvimento progressista que atravessamos, e isso, por falta absoluta de uma organização técnica-profissional. A recente criação da guarda civil, veio sem dúvida, preencher uma grande lacuna [...] A polícia, em virtude de uma péssima intuição das cousas, é entendida como instituição de confiança, só para servir os governos [...] Essa instituição tem algo de mais elevado, e em suas bases científicas, está determinado o seu objectivo, que é o da vigilância exercida pela autoridade para manter a ordem, prevenir e reprimir delictos. (VIEIRA, 1912, p. 01)

Em conjunto com o “progresso” e avanço modernizador da sociedade, as consequências das “*modernas condições de vida cada vez mais complicadas pelo accumulo de população*” e outras mudanças na ordem social, “*a malta criminosa cresce prodigiosamente e aperfeiçoa os meios de delinquir de tal forma, que a punição é quasi um mytho*” (VIEIRA, 1912, p. 01; 1913, p. 04). Por sinal, é verificável um aumento considerável das notícias referentes à “*scenas de sangue*”, crimes em geral. Outros exemplos podem ser mencionados, tais como os problemas com a iluminação pública, com as epidemias, mudanças nas ruas, acidentes de automóveis. Ou ainda, o problema do atraso na implantação dos bondes:

parece que desta vez, afinal, vamos ter bonde eléctrico. A sua inauguração, si bem que não esteja ainda oficialmente annunciada, será dentro de breves dias. E veremos, então, os electricos correrem ahi pelas nossas ruas, exaltando a curiosidade publica e trazendo para a cidade a realização de uma das mais caras aspirações coritibanas. (Chronica, 1913, p. 01)

As noções de progresso e modernização vinculadas a de civilização, que, por conseguinte, refere-se tão somente ao nível da tecnologia e da ciência e seus desenvolvimentos, como também das ideias religiosas e costumes em geral; pode

também dizer, por exemplo, sobre a forma como os homens constroem suas habitações e como às habitam, como é preparada sua alimentação, como pensam o sagrado, como estabelecem relações com o meio onde vivem, etc. (ELIAS, 1994, p. 23). “Civilização” no contexto específico em que trabalhamos, diz respeito à oposição que essa ideia expressa com relação à de “selvagem”, na relação humano-natureza. Dessa forma, quem se encontra mais próximo à natureza, mais inferiorizado estaria na hierarquia dos homens. (cf. Da MATTA, 1994, p.112-113)

Por essa razão, a busca, tão presente nas narrativas, de um modelo de homem que representasse o passado paranaense. No caso, a figura do bandeirante, do paulista desbravador. Assim, o “*povo paulistano*”, através de “*nobres lutas da civilização*”, “*continua a honrar a pátria*”, convertendo os “*hábitos hostis e deshumanos dos selvagens*”; desbravando o imenso deserto (BARROS, 1877, p. 10-3) - não só atribuído pelo vazio populacional, como pela falta de “civilização”.

Outro aspecto do ideário contemporâneo à época estudada é a presença forte de noções como “região cultural” ou “área cultural”, que acabaram por fortalecer o regionalismo no Brasil do período. Essas ideias traziam uma forma de regionalização para a cultura, buscada a partir de traços e padrões culturais. Nesse viés, duas formas de se pensar o regional se formaram: uma primeira que procurava desvalorizar a cultura existente em prol da europeia (são exemplos dessa vertente: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Arthur Ramos) e uma segunda, no extremo oposto da anterior, onde certos elementos da cultura brasileira passam a ser extremamente valorizados e exaltados como símbolos da nacionalidade (nessa corrente específica destacam-se os autores da chamada “escola indianista” da literatura romântica, notadamente José de Alencar ). Uma forma de enaltecimento do nacional, através da via da construção do regional, se daria no elogio das diversidades do país continental convivendo em harmonia, como uma forma mais refinada da premissa das “três raças” que comporiam uma identidade brasileira. Da mesma forma, ao coligir, ordenar e construir uma história da região, estariam também construindo, a partir de capítulos, a história nacional. Nesse sentido, o desafio seria “anexar” as vicissitudes regionais à uma magna história do progresso da nação.

Esse conjunto de ideias apresentado até aqui, constitui apenas parte do universo mental presente no Paraná. Na verdade, essas ideias constituem, em uma

“geografia” ou “topografia das ideias”, as que possuíam o maior destaque, ou então, que são mais facilmente notadas na leitura das narrativas da época. De toda forma, o que é perceptível nesse “tecido de ideias”, é um absoluto sincretismo: do romantismo, o elemento de exaltação patriótica ou ufanista, porém a incorporação do discurso cientificista e racionalista; do simbolismo, a perspectiva do uso da metáfora ante o conceito, mas ao mesmo tempo a visão evolucionista e progressista, por vezes teleológica.

Através dessa nossa tentativa de mapeamento, é verificável a importância de refletir sobre como se dava a circulação das ideias neste mesmo contexto. Em primeiro lugar, o momento inicial é o do contato com as ideias, sendo nesse sentido muito mais uma recepção seletiva (um processo de escolha, onde a conveniência dita a regra para aquilo que será apropriado) que, então, produz uma re-interpretação ligada à realidade específica do contexto intelectual. Em segundo lugar, em relação à forma como as “ideias” circulavam <sup>3</sup>: através dos diversos tipos de escritos, de imagens, de discursos, onde o conjunto das diferentes formas discursivas é variado, heterogêneo.

### **Um pouco da política paranaense na virada do século.**

No âmbito político partidário, o Paraná organizara-se, após a proclamação de 1889, sob duas legendas principais, as quais confluíam as discórdias principais do debate político. Apesar do continuísmo ideológico-programático, nas primeiras décadas é que, além de iniciar-se um movimento que particularizaria – em partes – os partidos, também se intensificam os conflitos e as desavenças políticas. O pano de fundo seria a questão de limites, ou mais especificamente, a forma de envolvimento dos personagens na discussão e “defesa da causa”.

Sombras dos partidos Liberal e Conservador, assim como dos movimentos republicanos pré-proclamação (dois clubes republicanos foram organizados no Paraná, em 1885 em Curitiba e em 1887 em Paranaguá), a esfera política organiza-se em torno do Partido Republicano Federal e da União Republicana do Paraná, chefiados

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre a circularidade da cultura impressa em Curitiba, ver: DENIPOTI, 1999; DENIPOTI, 2001; DENIPOTI, 1998.

respectivamente por Vicente Machado e Generoso Marques. Todavia, assim como no império, “*nenhuma das duas arregimentações tinha, porém, forças capazes de vencer sem ajuda do governo*” (que era já atestado por Romário Martins (ver: MARTINS, 1995, p. 432)), dependendo sobremaneira da esfera política nacional, da mesma forma que suas lideranças eram dependentes do apoio de outras instâncias para firmarem-se na arena política, tais como nos quadros militares, clubes sociais, na imprensa, educação, nos negócios comerciais ou industriais, ou mesmo na igreja católica. Intimamente relacionadas, a esfera política e a econômica, autorizavam o mandato de inúmeros personagens. Por exemplo, Caetano Munhoz da Rocha que, mesmo formado em medicina, opta pelas atividades políticas (deputado estadual, secretário de estado, presidente e vice-presidente) e comerciais (com a exportação de erva mate).

Um grupo expressivo de personagens, tanto da política paranaense quanto das letras, seria formado na Faculdade de Direito de São Paulo, principalmente no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, sendo entre eles, Pamphilo de Assunção, Ermelino de Leão, Vicente Machado e Generoso Marques, todos eles envolvidos diretamente nos debates sobre a questão de limites. Outro aspecto que caracteriza grande parte desse grupo são seus itinerários biográficos. Quase todos eles encontraram nos cargos e funções públicas o sustentáculo para o exercício de suas atividades: da licenciatura no Instituto Paranaense ou no Liceu, passando pela direção do Museu Paranaense e do Arquivo Público, à Secretaria de Estado; do Congresso Legislativo à Secretaria de Estado, e mesmo, a presidência do Paraná.

Falando desses personagens mais especificamente, Generoso Marques Santos, após diplomar-se em 1865, ocuparia os cargos de Inspetor Geral de Instrução Pública, de professor de História do Brasil, Geografia e Direito Público no Instituto Paranaense (cf. WESTPHALEN, 1991, p. 429-30). Na arena política, tomaria assento na Assembléia Legislativa Provincial por inúmeras candidaturas, sendo, após a retirada de Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, líder maior dos liberais no Paraná. Já nas primeiras décadas da república, seria presidente e vice no estado, deputado estadual e senador por varias candidaturas. Seus artigos, na esfera jornalística, seriam publicados no Dezenove de Dezembro, em O Paraná e A Reforma, entre outros.

Após sua diplomação, em 1881, Vicente Machado da Silva Lima, exerceria o cargo de promotor público em Curitiba, de juiz municipal, de professor no Instituto

Paranaense, de secretario do governo provincial, e, no âmbito político, de deputado na Assembléia Legislativa Provincial pelo Partido Liberal, posteriormente tornar-se-ia chefe dos republicanos no Paraná, congregando-os no Partido Republicano Federal. Após ter se tornado senador, seria eleito presidente do estado em 1903, ano em que acaba falecendo.

Já Ermelino Agostinho de Leão, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, exerceria, após sua formação em 1893, diversos cargos públicos no Paraná. Entre eles, a direção do Museu Paranaense e do Arquivo Público, assim como, na carreira política, assumiria a cadeira de deputado do Congresso Legislativo Estadual. Sua colaboração nos debates públicos, também se daria pela via jornalística, na colaboração com diferentes órgãos da imprensa paranaense, como no Diário da Tarde e em A República.

A arena política fazia-se não só na tribuna da câmara estadual e nos demais espaços da política partidária, como nos jornais, que eram vinculados a esta ou aquela corrente ideológica. Os principais embates envolviam, no entanto, dois jornais principalmente: a República e o Diário da Tarde. O primeiro, tratado como “órgão oficial” (JUNIOR, 1912, p. 01) pelo segundo, satisfazia os interesses do partido da situação.

Em falta de melhor a Republica saiu-se hontem com um verdadeiro destempero, que lhe está muito ao vexo quando se mette a defender causas perdidas, aliás quase todas que lhe merecem carinho. [...] O que não lhe saiu certo foi o final do artigo pois o Diario, não há quem não no saiba, jamais deixou de render homenagens aos que são reconhecidamente de valor real, patriotas prestigiosos. Em compensação, jamais teceu louvores aos que são, publica e notoriamente, deprovidos de méritos, aos politicoides de alminha de sapo, insignes nas intrigas e ignorantes de assumptos visceraes da vida econômica do Estado. Essa é que é a verdade e não o que avança o vespertino governista: “O Diario, em se tratando de política é invariável no julgamento dos nossos homens. É como aquelle gastrônomo invejoso que achava sempre a gallinha do visinho mais gorda”. Eis no que se resume, para certo pessoal da Republica, toda a historia de candidaturas: em gastronomia... Pois com pureza de alma lhe asseguramos que não temos inveja nem appetite: pode roer o osso em paz e que lhe faça muito bom proveito. (JUNIOR, 1912, p. 01)

Este, um mero exemplo dos repetidos “destemperos” aos quais se envolviam os jornais curitibanos, no tratamento das questões “politicoides” e dos “assuntos viscerais” do estado. Ainda que, de acirradas e destemperadas discussões, o clima político era de tensão e desconforto, produzido não só pelos problemas e temores advindos na

conjuntura política nacional, como da situação específica do Paraná. Vale lembrar, os problemas da questão sucessória nacional e os variados conflitos envolvendo a política nos estados.

O desbarato em que vae o regimen republicano, o que todos os brasileiros sinceramente patriotas lastimam, tem uma de suas causas no falseamento do voto popular, o mais solido alicerce das democracias. Não é possível o governo do povo pelo povo, quando a opinião deste é substituída criminosamente pelos ditames de ambições e caprichos pessoas ou de interesses que não são os do paiz. [...] Às vésperas das eleições para a representação federal, signalamos alguns dos motivos do descrédito do pleito e do retraimento dos eleitores. A observação das eleições de hontem nos mostrou que ainda persistem muitos vícios e que não se procura fazer do voto o reflexo integral da vontade do povo. (JUNIOR, 1912, p. 01)

[...] questões econômicas, problemas sociaes, ideaes políticos, e, às vezes, até, mui desgraçadamente, reacções patrióticas, pregadas em mais de oito milhões de kilometros quadrados de território brasileiro, numa infinita variante de feições, mascarando cagares de egoísmo mal reprimido, ambições pessoas, que mais têm sido do que um gaguejado acervo de palavras? Cingidos, que sejamos, á observação forçada dos cafés e das esquinas, arrastados no torvelinho incessante da vida publica, não é mistér que tenhamos lido Shakspeare, para, instinctivamente, reduzir o thema a tudo que diz num sussuro grave de confidencia, numa enphase tribunica de concitações, ou entre o risozinho covarde das intrigas, a esta simples expressão: palavras... Em synthese: Vivemos de palavras. (FARIA, 1912, p. 01)

“Vivemos de palavras”, fazia referência à retórica política difusa também na esfera cotidiana e das letras no Paraná. Esta ênfase na qualidade retórica, simplesmente, assim como o “*espírito prático*” utilitarista “*estribado na covardia da epocha*” (FARIA, 1912, p. 01), seriam os principais problemas à instituição de um governo sério e que não se deitasse ao sabor das vagas.

Desse povo tão subdividido em classes, tão disseminado em cathegorias, às vezes, rebenta uma gargalhada, um gemido angustioso, uma ironia candente, num momento de tréguas á lucta de todo o dia: é o provérbio, o dictado. Expressões grotescas, ás mais das vezes, participando da gyria, do calão, quase sempre esses dictos vulgares encerram conceitos de uma profunda philosophia, revestem a rigidez de uma grande verdade! Anda por ahi, ao sabor da chalaça, um dizer grosseiro: - Vae na onda. Ao primeiro golpe de analyse a phrase é estulta mas, para visarmos mais de perto, com deducções menos severas, desculpar-lhe-emos as escabrosidades do calão concluiremos lhe darmos foros da sentença. (FARIA, 1912, p. 01)

Na verificação do articulista, o Brasil e o Paraná não passavam de uma ilusão, construída através de

Reacções imperiosas, remodelações de programmas administrativos, ideaes de altruísmo sob as múltiplas feições do Socialismo, quer o da Cathedra, o Igualitario, o Communista, ou o Catholico, o Positivo, pregados pela toada, na miserável expectativa dos effeitos, sem a nobreza de uma convicção, são a vehemente constatação desta verdade. (FARIA, 1912, p. 01)

Esta mensagem pretendia demonstrar ao recém eleito e recepcionado presidente do estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque, o lugar que ele ocuparia “à margem dos fatos”, esperando dessa forma pô-lo, evidentemente, “a par dos fatos”. Em outros termos, “orientá-lo” a não ser mais um que produz somente “*gommos agoados de um fructo sem sabor*”, enfim, “*aquella única resultante: palavras, palavras, palavras...*” (FARIA, 1912, p. 01), tal qual a resposta de Hamlet ao questionamento de Polônio: - que lê?

No entanto, mesmo que considerada esta “orientação”, a chegada do novo presidente seria anunciada com otimismo e esperança, aspecto que marcaria as publicações da imprensa. O Diário da Tarde, principalmente, traria diversos artigos e notas enfatizando seu apoio (ver: JUNIOR, 1912, p. 01) e procurando mostrar que “*o sr. dr. Carlos Cavalcanti era o candidato do povo paranaense*”, sendo por isso que “*hontem o povo accorreu a receber s. ex. debaixo de palmas e flores*” (JUNIOR, 1912, p. 01).

O engenheiro e militar Carlos Cavalcanti de Albuquerque, eleito presidente do Paraná em 1911, cargo que assumiu no início de 1912, além de participar em jornais locais, tais como o Dezenove de Dezembro e A República, também seria um dos colaboradores e professores da Universidade do Paraná. Antes de liberar o cargo, porém, Francisco Xavier da Silva, presidente do estado até então, enfatizava o principal problema a ser enfrentado pelo novo dirigente, em mensagem de 2 de fevereiro de 1912: “*antes de tudo merece especial menção a magna questão de limites que ao Estado move o de Santa Catharina*” (SILVA, 1912; JUNIOR, 1912, p. 01), ponto de vista difundido de forma geral na sociedade na medida em que “*a questão de limites, que absorve há longo tempo a atenção e as energias do Estado, precisava ser encarada resolutamente, sem vacillações ou subordinações aos interesses da politicagem*” (BALLÃO, 1912, p. 01).

Além da chegada do novo presidente, no início de 1912, a imprensa também mostrava as disputas políticas, que giravam em torno das candidaturas paranaenses ao congresso federal. No embate, moviam-se Randolpho Serzedello e Carvalho de Defreitas principalmente, e que envolviam a imprensa, nomeadamente os periódicos Diário da Tarde e A República. A perspectiva principal era a de, em conjunto com a verificada posição de Carlos Cavalcanti na defesa da “causa paranaense”, associar-se a

este, a eleição de Correia Defreitas que também melhor advogava na querela dos limites.

Quando se aventou a representação do terço na próxima eleição federal, e, abstraindo de preocupações de subalterno partidarismo, volvi-me logo para o nome do destemeroso patriota Correia Defreitas e na orbita de minha exigüidade política, trabalhei nesse sentido. Acuava em meu espírito a maneira brilhante e incisiva, com que aquelle digno paranaense discutiu, na Camara dos Deputados, a nossa pendência de limites com o visinho Estado de Sudeste. A lembrança de que votei, mui recentemente, para presidente do Estado, no eminente dr. Carlos Cavalcanti, por consubstanciar este com ardor e dedicação a defeza da magna causa paranaense, me induzia a, por coherencia, vota em Correia Defreitas, que é outro denodado paladino da mesma causa. [...] Na emergencia actual, repito, quem for paranaense, pois, isento de preocupações partidárias ou capaz de sobrepor ao partidarismo a defeza das fronteiras do Paraná, que me acompanhe, suffragando, para deputado federal, o nome do ardoroso patriota Correia Defreitas. (AMARAL, 1912, p. 02)

O Diário da Tarde mostrava pleno apoio ao candidato Correia Defreitas na disputa pelo terço parlamentar. O argumento para sua candidatura residia no conhecimento que este nutria sobre a “*magna causa*” dos limites, “*porque, repetimos, o Paraná precisa de quem defenda os seus direitos na tribuna parlamentar*” (JUNIOR, 1912, p. 01).

Somos informados de que o Comitê Pró-Defreitas tem recebido, de diversas localidades, valiosas adesões à candidatura do velho republicano, Em União da Victoria foi muito bem recebido o manifesto a respeito lançado pelo Illustre medico dr. Candido de Mello, que conta igualmente influencia em Thomazina e Guarapuava, onde é ligado por laços de família a prestigioso chefe. - Conforme hontem publicamos, o sr. dr. H. Serzedello, satisfazendo as imposições de amigos, mantem sua candidatura, ao contrario do que se propalava com base em declarações do próprio dr. Serzedello de que não era candidato, por se considerar sem forças para o encargo. (JUNIOR, 1912, p. 01)

Por isso, o Diário da Tarde, não “*aplaudiria*” sua candidatura, afinal “*o momento é delicado e à representação está reservada tarefa difícil*”, não resguardando um desenlace otimista à quem, de antemão, considera-se “*sem forças para o encargo*”. (JUNIOR, 1912, p. 01) No entanto, admitia-se a possibilidade do “*falado candidato da opposição*” (JUNIOR, 1912, p. 01) exhibir “*pela imprensa ou em conferencia publica, [...] a sua competência sobre a magna causa*” (JUNIOR, 1912, p. 01).

Posteriormente, e devido à pressão sofrida, o Diário da Tarde noticiaria que

Desistiu de sua candidatura pelo terço à representação federal o sr. dr. Randolpho Serzedello. O illustre político, allias desde começo se mostrara infenso á apresentação de seu nome, por se julgar sem forças para o cargo, realmente de grandes responsabilidades no momento. Quando appareceu a candidatura de s. s. externamos francamente o nosso pensar, fazendo justiça

ao estimado medico, por muitos títulos distincto, e que pode dar lustre a elevadas funções administrativas, como já o fez na qualidade de director da hygiene, mas deslocado numa cadeira de deputado. Por isto mesmo não podemos deixar sem registro especial o nobre gesto do dr. Serzedello, que não hesitou em sobrepor-se ás imposições de amigos, dando um exemplo raro nestes tempos de interesseira politicagem. (JUNIOR, 1912, p. 01)

Relacionada a essa discussão, outra se faria no mesmo momento e com igual volúpia. O embuste catarinense que, segundo a imprensa, afirmava organizar sua bancada de deputados segundo uma orientação utilitária de antepor-se diante do Paraná na questão das fronteiras, chamaria a atenção paranaense.

Há pouco tempo os jornaes do Rio noticiaram que os próceres do situacionismo catharinense organizariam a representação federal desse Estado mais sob o ponto de vista utilitário do que político. Glosamos o informe, levados especialmente pela situação em que se encontra o Paraná em relação á vizinha á sueste. Correm os dias e apparece a chapa catharinense, que a Republica apanha no ar para provar, com edificante imbecilidade, que notava desfeito “todo o barulho que por ahi foi feito na supposição de que a bancada fosse reeleita para o fim exclusivo de se antepor contra nós.” Ora, o Diario, que tinha repercutido também o barulho, se encontrava moralmente obrigado a receber a parte que lhe cabia do cartão anonymo do vespertino róseo. E como o Diario costuma cumprir os seus deveres, se apressou em explicar o seu proceder. Pois, senhores: esse acto, que qualquer advesario criterioso julgaria escorreito a Republica considerou estapafúrdio! E d’ahi, por lhe não escapar o ensejo, atira ao Diario a virulência com que costuma nos brindar e que nós costumavam repellar com a ponta da botina. (JUNIOR, 1912, p. 01)

Acusado de criar a blague pelo periódico A República, o Diário da Tarde tratou de defender-se, embora sempre aos moldes e abusando dos argumentos *ad hominem* em sua maioria, característica das discussões políticas e “intelectuais”.

Com a epigraphe “bancada catharinense” o orgam official [no caso, o jornal A República] teve hontem este artiguet: “Segundo telegramma que hontem publicamos, a nova bancada catharinense na camara federal não será constituída como se propalou, com a reeleição completa dos representantes na ultima legislatura. O partido situacionista do visinho Estado, organizará a chapa com os nomes dos srs. drs. Abdon Baptista e Henrique Valgas e coronel Pereira Oliveira, deixando o terço para ser disputado pela minoria. Esse resultado desfaz todo o barulho que por ahi foi feito na supposição de que a bancada fosse reeleita para o fim exclusivo de se antepor contra nós. A blague, que visava conduzir o nosso partido a imitação desse esperado gesto, está agora na verdadeira proporção...” Conquanto essas linhas não tragam endereço, trepadas num desdenhoso e engraçado “por ahi”, cumpre-nos dizer algo a respeito, visto como também reproduzimos, das secções políticas dos jornaes do Rio, a noticia de que a bancada catharinense seria organizada obedecendo mais a fins utilitários do que políticos. Não houve por ahi (é o caso...) jornal brasileiro que não desse tal informação aos seus leitores. Quanto a nós, fizemos as considerações que se impunham, dada a posição especial do Paraná deante de S. Catharina. A blague, se blague houve, não partiu destas columnas. (JUNIOR, 1912, p. 01)

E continua no próximo número,

Vejamos, porem, o ponto capital da verina official: a Republica não gostou que estabelecêsemos breve confronto entre as bancadas catharinense e paranaense. Teria meio facillimo de nos fulminar: fazer a própria Republica o confronto mostrando que o sr. Alencar Guimarães é superior ao sr. Lauro Müller, evidenciando que a nossa chapa está com furos acima da de S. Catharina. Preferiu, porem, cotejar os seus conspícuos candidatos com... a redacção do Diario: Sesquipedal! É claro que ficamos a perder de vista, mas inadvertidamente a Republica, antes de sentenciar, expendeu a noção que tem do julgador “sempre ao impulso da vontade vaidosa, da presumpção balofa, obedecendo ao critério arbitrário”. Enfim, o escriba autobiographou se; talhou carapuça que lhe foi justa até o vultuoso anteparo das orelhas. (JUNIOR, 1912, p. 01)

O que se envolvia, como questão de fundo, na polêmica em torno de “A Blague”, era na verdade, uma crítica do Diário da Tarde sobre os representantes federais governistas, elogiados por A República.

De resto, não vemos porque a “República” se rejubila. A chama catharinense, como ficou constituída, ainda está muitos furos acima da nossa, salve si a “Republica” julga o sr. Alencar Guimarães (candidato á senadoria pelo Paraná) superior ou igual ao sr. Lauro Müller (candidato a idêntico encargo, por S. Catharina). Cotejemos os deputados: drs, Abdon Baptista, dr. Henrique Valgas e coronel Pereira Oliveira (catharinenses); Carvalho Chaves, dr. Lamenha Lins e coronel Luiz Xavier. Realmente, em títulos, as bancadas são symeticas; dois doutores e um coronel... Quanto ao terço: por lá entrará o dr. Paula Ramos, ou o dr Celso Bayma. Ninguém dirá que qualquer delles é inferior ao dr. Serzedello, o falado candidato da opposição. Para finalisar: é passível que os próceres da política catharinense houvessem modificado a primitiva resolução, ora chamada de blague, mas só o fizeram depois de conhecida a organização da representação paranaense, porque, então, por peor quem lhes saísse a chapa sempre seria superior a nossas. (JUNIOR, 1912, p. 01)

Essa proposta de confronto entre as duas chapas visava “desmascarar” a fragilidade da tentativa de reeleição da candidatura governista ante a possibilidade de Santa Catarina fazer o mesmo, que, no entanto, seria desmascarado como falsa. A discussão seria finalizada com os mesmos caracteres de agressividade:

Sabbado a velha marafona, a Republica, deitou xingação. E, convenhamos, com certa razão: fomos de rara perversidade reptando-a a confrontar as duas chapas. Entretanto, para nos fulminar, era esse o único meio, demonstrando que os candidatos situacionistas do Paraná são umas águias, junto as quaes uns perus de S. Catharina, e que o sr. Lauro Müller é ridículo pigmeu no pé do sr. Alencar Guimarães...

Era o único meio, pois allegar o escriba que somos pellado enquanto elle é pelludo como um bode, não passa de irrisória tangente que não altera os termos reaes da questão, nem dá méritos aos candidaticeides de alminha de sapo, insignes na intriga, ralados de despeito, míseros capachos com fumaças de mandões... (JUNIOR, 1912, p. 01)

No pleito que ocorreria ao fim do mês de janeiro, o Diário da Tarde fazia franca campanha a Defreitas. Em um “*appello aos empregados públicos*”, conclamava-os como “*parte importante do organismo político*”, sendo que dessa forma “*não podeis deixar de votar amanhã, mas deveis fazel-o de accordo com a vossa consciência*”. Alertava que o “*empregado público não é obrigado a votar na chapa do Governo*”, pois não seria demitido por isso, assim como enfatizando que “*Correia Defreitas não tem pingue fortuna; Correia Defreitas se dá com todo o mundo*” (PARANAENSES, 1912, p. 03). A seção seria assinada: “*Paranaenses*”, sendo logo abaixo anunciada a orientação, “*Paranaenses! Para senador (Votae em branco)*”. O resultado das eleições viria a ser divulgado tempos depois. A apuração dos votos demorava alguns dias e proclamaria Correia Defreitas como vencedor: “*a noticia, diz que, o pleito ahi correu livre e com regularidade. Além dos governistas, foi eleito com extraordinária maioria o sr. Correia Defreitas alcançando vantagem sobre os mais votados situacionistas em diversos municípios*”. E inúmeras outras notícias que se seguiram, ao longo do mês de fevereiro, sendo dessas, a que aqui se destaca, a de 5 de fevereiro que estampa foto de Defreitas na primeira página.

Talentoso e operoso, o representante eleito do Paraná, conhecendo profundamente a causa magna do Estado e discutindo com segurança convincente, está por isso perfeitamente aparelhado para desempenhar galhardamente, como já o tem feito, a investidura deste povo que o soube tão bem o escolher, no momento difficil da vida estadina que atravessamos [...] Correia Defreitas, que é uma bandeira e um programma. (SIDNEY, 1912, p. 01)

O quadro político, então, constituir-se-ia com os deputados eleitos para o Congresso Nacional, com a chegada do presidente recém eleito e com o Congresso Estadual. Além dos políticos não eleitos que se fariam presentes nos diversos periódicos. Em 1912, seriam reconhecidos e proclamados como deputados ao respectivo Congresso Legislativo Estadual:

dr. Manoel de Alencar Guimarães, Brasílio Celestino de Oliveira, dr. Antonio Augusto de Carvalho Chaves, Jayme Dormund dos Reis, dr. João David Pernetta, dr. Caetano Munhoz da Rocha, Lauro do Brazil Loyola, João da Silva Sampaio, dr. João Antonio Xavier Junior, David Carneiro Junior, dr. Elyseu de Campos Mello, dr. João Leite de Paula e Silva, dr. Romualdo Antonio Baruna, dr. Domingos Ignacio de Araujo Pimpão, Telemaco Morosine Borba, Domingos Soares, Joaquim Luiz Gomes dos Santos, tenente Antonio Carlos Cavalcanti de Carvalho, Olegario Rodrigues de Macedo, Hippolito Xavier da Silva, Percy Winthers, Emilio Ribeiro Gomes, Joaquim Thomaz Ribeiro da Silva, Edgar Stenfeld, João Candido de Oliveira, Rodrigo Nery do Canto, Sebastião Emundo Saporasky, dr. Generoso Marques dos Santos, dr.

Benjamin Americo de Freitas Pessa e coronel Alfredo Romario Martins, deputados esses que obtiveram maioria e foram competentemente diplomados. (JUNIOR, 1912, p. 02)

Destaque para Alencar Guimarães, Generoso Marques e Romário Martins, personagens que se envolveram diretamente com a questão dos limites.

A recém criada Universidade do Paraná seria outro *locus* importante de congregação “intelectual”. Nela, inúmeros personagens mencionados até aqui, encontrar-se-iam ao longo dos anos que se seguiriam. Sebastião Paraná, Pamphilo de Assumpção, Nilo Cairo, Victor do Amaral, seriam apenas alguns dos nomes presentes.

### **Considerações finais: o discurso intelectual, o discurso político e os lugares do discurso.**

Outro aspecto de importância na caracterização do “intelectual” em sua especificidade, diz respeito à configuração que assume o discurso por ele proferido: basicamente, na forma com que ele é construído e disposto na sociedade, nas características que ele apresenta e representa.

Primeiramente, a estrutura das narrativas sobre as fronteiras e o problema da identidade, resume-se na linearidade, na expressão das sucessões causais simples, na organização dos eventos “mais notórios” e “dotados de importância”, na eleição de nomes emblemáticos, na verbosidade e ênfase retóricas, no apelo a uma “erudição” e lastro informacional sobre os documentos referentes aos “limites históricos” do Paraná, enfim, na peculiaridade que torna indistinguíveis, discurso intelectual e discurso político.

Nesses discursos, uma peculiaridade seria o conjunto de verdades, apresentadas como inquestionáveis, que são expostas de forma a fornecerem a autorização e legitimação para o intelectual assumi-lo como sua responsabilidade e a sociedade, em contraponto, permitirem-no como seu porta-voz.

Entre os inúmeros aspectos que ressaltam dos discursos intelectuais, alguns possuem uma maior relevância na medida em que revelam características peculiares de como os intelectuais pensavam a sociedade, em outros termos, revelam sua visão de mundo e, até certo ponto, uma visão de mundo partilhada e extensível a toda uma sociedade. Nesse sentido, a figura do pioneiro, o significado da herança, a crença em um futuro luminoso para sua sociedade, a idéia de uma comunidade paranaense, a imagem que construíam de si mesmos, a imagem do Paraná e a imagem da diferença,

o sentido de progresso, moderno e civilização, entre outros, são alguns dos assuntos a serem precisados e refletidos.

Na leitura das diversas narrativas não só do período estudado como anteriores, verificamos não só uma falta de ineditismo como uma certa repetição demasiada dos argumentos, em um tributarismo da matriz argumentativa “fundadora”. A estrutura das narrativas também se oferece com uma espécie de padrão: uma apresentação da situação seguida de um apanhado histórico que remete desde as capitanias hereditárias até a emancipação e a posterior querela com Santa Catarina, concluindo com tons exaltados de defesa da justiça e da verdade. Em outros termos, queremos dizer que o debate oferece pouco refinamento e profundidade reflexiva, baseando-se sobremaneira na qualidade retórica e na eloquência simplesmente.

A grande maioria das narrativas de defesa da causa paranaense na questão do contestado possui dois aspectos que perpassam suas construções, quais sejam uma dimensão histórica e um discurso calcado em uma argumentação geográfica acerca dos limites do espaço paranaense. Desse modo, “*o discurso geográfico passava a se constituir, assim, em uma das mais importantes fontes para o enquadrinhamento regional do Paraná*” (SZESZ, 1997, p. 06), mas não só, o discurso histórico também fornecia os elementos para emoldurar e singularizar o espaço, constituindo dessa forma a região.

Da mesma forma que todo discurso precisa de uma “pré-estrutura”, também precisa um lugar “de onde” e “para onde” se projeta. “De onde” retira não só sua legitimidade e autorização, como também a suas próprias condições de materialização. Os diferentes *locus* onde se produzem e, efetivamente, se materializam os discursos, possuem também – cada um a sua – forma de operação. E um lugar “para onde” se dirigem formalmente, ou seja, o lugar que os emissores têm em mente; assim como, os lugares para onde os discursos se difundem sem a intenção formal dos emissores.

No Paraná, os lugares de onde partem os discursos sobre as questões de fronteira e identidade são basicamente de duas ordens: a tribuna das câmaras legislativas ou então as palestras públicas em eventos patrocinados pela política local; e o lugar das narrativas jornalísticas: os periódicos locais e da capital federal principalmente. Embora, a partir de 1912, começasse a surgir outro espaço possível: a Universidade, como evolução do lugar “cátedra escolar”.

O ambiente literário, já nos fins do século XIX, aparece como o lugar de uma quantidade impressionante de publicações periódicas, sejam jornais, revistas, folhetins, etc. a partir desse momento, “*jamaís se escreveu tanto; cada escola, cada partido, inclusive cada pessoa tinha seu próprio porta-voz*”. (NÚÑEZ, 2006, p. 01)

## REFERÊNCIAS

- BENVENUTTI, Alexandre. *As Reclamações do Povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana* (1909-1916). Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.
- CARNEIRO, Cíntia. *O museu paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná – 1902 a 1928*. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.
- CERQUEIRA, Luiz. *A modernização no Brasil como problema filosófico*. In: Impulso. Piracicaba/SP: volume 12, número 29, 2001, p.125-136.
- Da MATTA, Roberto. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DENIPOTI, Cláudio. “*Um homem no mundo do livro e da leitura*”. Revista de História Regional (UEPG) 6 (2), inverno de 2001.
- DENIPOTI, Cláudio. *A sedução da leitura: livros, leitores e história cultural (Paraná 1880-1930)*. Tese de doutorado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1998.
- DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Ed. Unicamp, 1999.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FAORO, Raymundo. *A questão nacional a modernização*. Estud. av., Jan.Abr. 1992, vol.6, no.14, p.7-22.
- GAHYVA, Helga. *Brasil, o país do futuro: uma aposta de Arthur de Gobineau?* In: Alceu, jan./jun. 2007, vol. 07, nº 14, p. 152-159.
- MACIEL, Laura Antunes. *Cultura e tecnologia a constituição do serviço telegráfico no Brasil*. Rev. bras. Hist., 2001, vol.21, no.41, p.127-144.
- MOLINA, Ana Heloisa. “*A influência das artes na civilização*”: *Eliseu d’ângelo Visconti e modernidade na primeira república*. Tese de doutorado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.
- NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NÚÑEZ, Juan Paredes. *Paralelos de lo fantástico decadentista. Un caso de proyección de Maupassant en España*. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PASQUINO, Gianfranco. *Modernização*. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 768-776.

PEREIRA, Luís. *Paranismo: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Dissertação de mestrado em história. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996.

SZESZ, Christiane. *A invenção do Paraná: o discurso regional e a definição das fronteiras cartográficas (1889-1920)*. Curitiba, 1997. Dissertação (mestrado em história) – Departamento de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR.

WESTPHALEN, Cecília. *Generoso Marques Santos*. In: Dicionário Histórico-Biográfico do Paraná. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991.

## Fontes

AMARAL, Victor. Seção Especial. Pró-Defreitas: Eleição Federal. In: Diário da Tarde, 16 de janeiro de 1912, p. 02.

ÁVILA DA LUZ, Aujor. Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos. Florianópolis: s.n., 1952.

BALLÃO, Jayme. A Nova Administração. In: Diário da Tarde, 16 de fevereiro de 1912, p. 01.

BARROS, Bento. Discussão da questão de limites entre o Paraná e Santa-Catharina. Rio de Janeiro: Dias da Silva Junior, 1877.

CESAR, Braulio. Curitiba progride... In: Diário da Tarde, 06 de janeiro de 1912, p. 01.

Chronica. In: Diário da Tarde, 4 de janeiro de 1913, p. 01.

Coritiba às Escuras. In: Diário da Tarde, 19 de fevereiro de 1912, p. 01.

Correia Defreitas – o eleito do povo. In: Diário da Tarde, 5 de fevereiro de 1912, p. 01.

Correia Defreitas. In: Diário da Tarde, 2 de fevereiro de 1912, p. 01.

Carlos Cavalcanti. In: Diário da Tarde, 13 de janeiro de 1912, p. 01.

Carlos Cavalcanti: As homenagem no Edem-Cinema – Visita ao Contestado. In: Diário da Tarde, 15 de janeiro de 1912, p. 01.

Epidemia. In: Diário da Tarde, 19 de fevereiro de 1912, p. 01.

FARIA, Raul. Á Margem dos Factos. In: Diário da Tarde, 11 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. A Blague. In: Diário da Tarde, 15 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. A Blague. In: Diário da Tarde, 10 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. A Blague. In: Diário da Tarde, 12 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. A Mensagem. In: Diário da Tarde, 5 de fevereiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. Congresso do Estado. In: Diário da Tarde, 1 de fevereiro de 1912, p. 02.

JUNIOR, Celestino. Dr. Carlos Cavalcanti: as festas. In: Diário da Tarde, 7 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. Eleições Federaes. In: Diário da Tarde, 29 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. Paris de Nestor Victor. In: Diário da Tarde, 16 de janeiro de 1912, p. 01.

JUNIOR, Celestino. Política Paranaense. In: Diário da Tarde, 12 de janeiro de 1912, p. 01.

- JUNIOR, Celestino. Política Paranaense. In: Diário da Tarde, 9 de janeiro de 1912, p. 01.
- MACEDO, Joaquim. A Mensagem do Prefeito de Curitiba. In: Diário da Tarde, 16 de janeiro de 1912, p. 01.
- MARTINS, Romário. História do Paraná. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- Notas do dia: Rua Floriano Peixoto. In: Diário da Tarde, 21 de fevereiro de 1912, p. 01.
- Os automóveis e os Desastres. In: Diário da Tarde, 3 de janeiro de 1913, p. 04.
- PARANAENSES. Secção Alheia. O Pleito de Amanhã: appello aos empregados públicos. In: Diário da Tarde, 29 de janeiro de 1912, p. 03.
- Pelo Telegrapho: as eleições no Paraná. In: Diário da Tarde, 2 de fevereiro de 1912, p. 02. Pelo Telegrapho: Eleições no Paraná. In: Diário da Tarde, 1 de fevereiro de 1912, p. 02.
- PERNETTA, Julio. Chronica. In: Club Coritibano, 6 de janeiro de 1897, p. 03.
- POMBO, José. O Paraná no Centenário. 1500-1900. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1900.
- ROSA, Gama. Pariz, por Nestor Víctor. In: Diário da Tarde, 5 de janeiro de 1912, p. 01.
- SIDNEY. Chronica. In: Diário da Tarde, 3 de fevereiro de 1912, p. 01.
- SILVA, Francisco. Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado do Paraná. Curitiba: Typ. d'A Republica, 1912.
- TOMENCISNA. Curytiba progride! In: A República: 23 de junho de 1913, p. 01.
- VIEIRA, Ulysses. Às Futuras Câmaras. In: Diário da Tarde, 11 e 12 de janeiro de 1912, p. 01.
- VIEIRA, Ulysses. Segurança Pública. In: Diário da Tarde, 8 de janeiro de 1912, p. 01.